

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
INSTITUTO DE ESTUDOS HISTÓRICOS DR. ANTÓNIO DE VASCONCELOS

Revista Portuguesa de História

TOMO IX



COIMBRA / 1960

Os Jesuítas, as suas Missoes Guarani e a Rivalidade Luso-Espanhola pela Banda Oriental, 1715-1737 *

I

As negociações europeias de paz que puseram termo à Guerra da Sucessão de Espanha foram seguidas na região do Rio da Prata por dois acontecimentos muito importantes: no dia 11 de Julho de 1715 estabeleceu-se em Buenos Aires uma feitoria britânica e, no ano seguinte, em 4 de Novembro, a *Colónia do Sacramento* foi

* Cf. estudos anteriores do mesmo autor: *The political and economic activity of the Jesuits in the La Plata region. The Hapsburg era* (Estocolmo, 1958); «Panorama de la sociedad del Río de la Plata durante la primera mitad del siglo 18» in *Estudios Americanos*, N.º 92/93 (Sevilha, 1959).

Abreviaturas principais:

- A CS = Archivo del Colegio del Salvador, Buenos Aires.
AG'BA = Archivo General de la Nación, Buenos Aires.
ARSI = Archivum Romanum Sordietatis Ihesu, 'Roma.
Astrm = Astráin, A., *Histeria de la Compañía de Jesús en la Asistencia de España*, Vol. 7 (Madrid, 19215).
BNBA = Biblioteca Nacional, Buenos Aires.
CBAC = *Campaña del Brasil. Antecedentes coloniales*, Tomo I (Buenos Aires, 1931). —
C. de J = Companhia de Jesus.
MAC = Rau, V. e Gomes da 'Silva, M. ÍF., *Os manuscritos do Arquivo da casa de Cadaval respeitantes ao Brasil*, Vol. 2 ((Coimbra, 1958).
MCA = *Manuscritos da Coleção de Argetis*, Tomo 5 (Rio de Janeiro, 1954).
Pastells = Pastells, P., *Historia de la Compañía de Jesús en la Provincia del Paraguay*, Tomos 6 e 7 (Madrid, 1946-48).
RC = Real Cédula.

finalmente entregue aos portugueses. Este último acontecimento deu-se em conformidade com o art. 6.º do tratado de paz assinado entre Espanhóis e Portugueses no dia 6 de Fevereiro de 1715 e o primeiro em virtude do *Asiento* concedido aos ingleses pela Espanha em 1713. Ambos os sucessos iriam embarçar os Espanhóis nas suas tentativas para guardar os recursos da região do Rio da Prata como um monopólio espanhol sem, de facto, tentarem explorá-los (*).

Visto a economia daquela região ser exclusivamente pastoril, baseada nas manadas de gado bravo, *ganado cimarrón*, que vagabundeavam nas planícies, os dois acontecimentos contribuirán! para acelerar a velocidade da exploração destes recursos. Outrora, o gado bravo das planícies para além de Buenos Aires, a *Vaquería* dos *Porteños*, constituía o abastecimento principal da exportação de couros, por exemplo, pelos navios da França antes desta ter de ceder à Grã-Bretanha os direitos sobre o *Asiento*. Tornou-se, porém, cada vez mais claro que este abastecimento se ia esgotando, e, a partir de 1775 por decreto do Governador de Buenos Aires, a *Vaquería* ficou, por esse motivo, «fechada» para exploração.

Em lugar disso, a *Vaquería* do outro lado do rio, na Banda Oriental, tornou-se um pomo de discórdia entre portugueses da Colónia do Sacramento, com a sua exportação florescente de couros, sebo e carne salgada, e os *porteños*, ávidos de vender couros à feitoria britânica. Mas havia também mais dois pretendentes a esta *Vaquería del mar*: os lemprendedores negociantes de gado de Santa Fé, junto ao rio Paraná, e as 30 Missões Guarani dos jesuítas, situadas em ambos os lados e entre os rios Alto Paraná e Uruguai. A concorrência entre estes quatro pretendentes aos recursos do gado bravo na margem setentrional do Rio da Prata estava estreitamente ligada à evolução da questão da fronteira luso-espanhola nesta zona das Américas, até que se tornou um facto, nos meados do século, o desaparecimento de um tal «*benefício de graça*», que era constituído pelas manadas de gado bravo.

As pretensões das missões jesuíticas à *Vaquería del mar* baseavam-se na suposição de que as manadas de gado bravo na vizi-

(0) «Colocar Colonia del Sacramento en manos lusitanas, era igual que habérsela entregado a Gran Bretaña». iSierra, V. D., *Historia de la Argentina, 1700-1800* (Buenos Aires, 1959), p. 517. Cfr. *ibid.*, p. 5U e Pantaleão, O., *A penetração comercial da Inglaterra na America Espanhola de 1713 a 1783* (São Paulo, 1946), p. 158.

nhança da Colónia do Sacramento, ibem como as das proximidades da Lagoa dos Patos, tinham a sua origem no gado que possuíam antigamente as missões estabelecidas no território Tape e que tiveram de abandonar quando da evacuação forçada ctesas missões por volta de 1630. Quando, em 1716, o Padre Castañeda, Superior das Missões, investigou as pretensões à *Vaqueria del mar*, os padres interrogados fizeram referência a um empreendimento confiado aos jesuítas pelo Governador de Buenos Aires em 1690, que era o de mandar uma expedição das suas Missões Guarani para conduzir para o norte, longe dos portugueses, o gado bravo que vagabundeava na vizinhança da Colónia do Sacramento. Segundo os padres jesuítas afirmaram, não era de supor ter o Governador mandado ou mesmo tolerado tal coisa, se tivessem existido outros pretendentes legítimos, *accionaros*, ao gado bravo da Banda Oriental⁽²⁾).

Mas também havia outra possível explicação da origem da riqueza em gado da Banda Oriental, que era a do gado introduzido pelo Governador Hernandarias de Buenos Aires, em 1611 e 1617, o qual teria Sido o autêntico progenitor das manadas que existiam mais tarde no sudoeste do Uruguai. O *Cabildo* de Buenos Aires, ao considerar, em 1709, a concessão de uma licença para recolher *cañado cimarrón* no litoral, ao pé da Colónia do Sacramento, baseou caracteristicamente a sua autoridade para conceder urna tal licença no facto de Hernandarias ter introduzido o gado quando governador da provincia do Rio da Prata, cem anos mais cedo. De 1714 em diante o *Cabildo* de Buenos Aires siia concedendo um número cada vez mais elevado de licenças, *acciones*, para recolher gado bravo na imargem setentrional do Rio da Prata. Os primeiros a receber tais licenças, expedidas para um determinado numero de animais, foram os habitantes de Santa Fe. O *Cabildo* de Buenos

(2) Mõmer, M., *Activities*, I, 1161, 11812. MÜAIC, V, 1163-1710: Interrogatório «Castañeda» em Julho de 17116. Os entrevistados foram os próprios jesuítas, «Atento a que los indios son poco fidedignos, y no a ver otros españoles en estos desiertos, que puedan declarar en este negocio». O Padre Lauro Nuñez, jesuíta muito experimentado, declarou categoricamente que «La pretensión de los Idle S.^{ta} iFéé acerca de las vaquerías del mar, no tiene fundamento por su parte. Porque nunca an tenido derecho a ellas, ni la Ciudad, ni vesino alguno de ella. Los indios de n-ras IDoctrinas an vaqueiado en ellas desde el año de mil seiscientos y setenta y siete ô setenta y ocho...».

Aires, porém, reteve para si próprio os direitos legais e exclusivos aos ditos recursos. Mas desde há muito era costume dos *Santafesinos* recolherem gado bravo nas planícies de Entremos, com licença expedida pelo seu próprio *Cabildo*, e, dado que a necessidade de um novo fornecimento estava a aumentar gradualmente, não se sentiam inclinados a aceitar o rio Uruguai como limite legal das suas incursões para recolher gado. Além disso, «encontravam-se entre «eles «alguns descendentes do Governador Hernandarias que fizeram valer os seus direitos pessoais à progénie das suas vacas. O Colégio dos Jesuítas de Santa Fé também fazia parte dos *accioneros*, pelo menos no que dizia respeito ao *ganeêdo cimarrón* em Entremos, por terem passado para ele umas propriedades e uns direitos dos muitos descendentes de Hernandarias. Convém tomar em conta o facto de que as extensas planícies que se estendiam entre o rio Paraná e o Atlântico estiveram em grande parte inexploradas até 1720. Os poucos índies Charrua e outras tribos eram os verdadeiros donos daquela solidão. Por conseguinte, é fácil compreender que o direito às manadas «errantes de gado e os limites geográficos entre jurisdições antagónicas nestes território deviam ter constituído um assunto muito difícil de resolver legalmente (3).

Mas, quaisquer que fossem as objecções legais que pudessem levantar-se contra «as suas pretensões à *Vaquería del mar*, todos os pretendentes estavam «ocupados na exploração sempre crescente desta riqueza ilimitada. As necessidades e «os motivos dos *porteños*, dos *santafesinos*, dos portugueses e «dos jesuítas das Missões, não eram, porém, idênticos.

«Para as Missões Guarani era essencialmente uma questão de alimentação. As suas colheitas eram frequentemente más e os

(3) Cfr. Mörner, 'M., *Activities*, II, 11 (160-7, «137. O jesuíta Bartolomeu Jimenez, Procurador do Paraguai, -ao IRéi, em 1 de Outubro de 1716, sobre as (pretensões do Colégio de Santa Fé (Pastells, V, I, 94-8). (Leonhardt, .C., «Establecimientos jesuíticos en (Corrientes y Entre Rios» in *Boj del Inst. de Invest. Históricas*, Tomo li5, (Buenos Aires, 1932) pp. 1*01-4; (Cervera, M., *Historia de la ciudad y provincia de Santa Fé, 1573-1853*, III, 9'318 e *passim*: um relato confuso e desfavorável aos jesuítas. Coni, E.A., *El gaucho* (Buenos Aires, 1945) pp. '82-3. «Ooni, E. A., *Historia de las vaquerías de Río de la Plata, 1555-1750*» (Buenos Aires, 1956), pp. 65-6. MICA, V, 187-235 : Interrogatório do jesuíta, Padre «Superior Benítez, Agosto-Setembro de 1722. Repeidiu-se a hipótese da progénie do gado do Governador Hernandarias.

jesuítas tinham, por isso, de recorrer a um abastecimento regular de carne para a provisão de víveres para as suas comunidades. Como disse o Padre Cardiel, jesuíta que chegou às Missões em 1731: «El siglo pasado no ponían tanto empeño los Padres en las sementeras, ni hasta el año 20 de éste: porque las dilatadas campañas que hay desde los pueblos hasta el Mar estaban llenas de vacas sin dueño...». Em 1716, as Missões tinham uma população total de 121.000 pessoas, das quais 56.000 habitavam as dezassete missões situadas em ambos os lados do rio Uruguai. A maior parte destas comunidades tinha 1.000 até 2.000 pessoas, mas algumas, por exemplo Yapeyu e San Miguel tinham muitas mais. Segundo o Padre Cardiel, comiam-se cerca de vinte vacas todos os dias nas missões mais pequenas e cerca de quarenta nas maiores. O Padre Cardiel calculou que cerca de 100.000 cabeças de gado eram anualmente conduzidas da *Vaquería del mar* a esta região para serem consumidas. Enquanto (existiu este reservatório, não se julgou necessário guardar manadas consideráveis de gado doméstico, pelo menos nas missões mais ao sul. O Padre Cardiel disse que cada missão, quando precisava de carne, costumava enviar à *Vaquería del mar* uma expedição de cinquenta até sessenta índios, cada um dos quais levando cinco cavaleiros. Servindo-se de uma pequena manada de gado domesticado como isca, faziam a recolha, o *rodeo*, e usualmente, depois de trabalharem dois ou três meses, os índios voltavam com cerca de 6.000 ou 6.000 animais (4).

A carne era também, naturalmente, a alimentação principal das outras comunidades da região do Rio da Prata, mas, em relação à população total das Missões Guarani, estas comunidades eram bastante insignificantes como centros de consumo. Até mesmo

(4) A citação foi tirada de Furlong, G., *José Cardiel S. J. y su Carta-Relación, 1747* (Buenos Aires, ÍS'SB), p. 143. Cardiel, *Breve relación*, in Hernández, (P. *Organización social de las doctrinas guaraníes de la Compañía de Jesús* (Barcelona, 1913), -II, 15132-3: «Mientras duraron estas vacas, que llamaban la Vaquería del mar, por estar a sus orillas, estaban los indios muy bien asistidos, sin que necesitasen dehesas de ganado manso. Todo el cuidado estaba en tener muchos caballos para ir a la vaquería: y ésta era la dehesa y estancia de los treinta pueblos: y aunque por los malos tiempos se perdiesen las cosechas, aquí hallaban refugio para todo: porque el indio es muy aficionado a la carne, y más de vaca...».

a população de Buenos Aires não 'era maior do que ta de qualquer grande missão. Era o valor comercial dos couros, da gordura e do sebo que convidava os *porteños*, os *santafesinos* e os portugueses a explorar a *Vaquería del mar*.

A exportação de couros do Brasil era antiga e a «exportação dos da Colonia de Sacramento também tinha sido sempre considerável desde a sua fundação, <em '1680. Os couros provenientes da *Vaquería del mar* tornavam em grande parte a ser «exportados de (Portugal para a 'França >e os Países Baixos. Duas circunstâncias importantes, porém, impediram que os próprios portugueses da Colônia do Sacramento desempenhassem um papel mais activo na exploração. Em primeiro lugar faltavam cavalos nesta colônia fundada e mais tarde tornada a fundar por expedições navais. Em 1716 o Governador da Colônia do Sacramento pediu seis cavalos ao seu colega de Buenos Aires. Mas nem mesmo esta petição modesta foi atendida. Os IEspanhóis compreendiam bem o valor fundamental dos cavalos ! Em segundo lugar, conforme a interpretação espanhola do tratado de paz de 1715 (dada pelo Governador García Ros de Buenos Aires) o território da Colônia do Sacramento tinha sido reduzido à parte que ficava ao alcance dos canhões da fortaleza. A tarefa de impedir a saída dos portugueses deste pequeno território foi especialmente confiada a um piquete espanhol, a guarda de San Juan. Os habitantes da Colônia do Sacramento tinham, por isso, de depender do contrabando feito por aqueles que podiam agir mais livremente, para obter couros, gordura e sebo para exportação (5).

Os *santatesinos* eram muito experimentados na recolha e condução de gado bravo >em Enterrias e 'eram também peritos em atravessar cursos de água tão largos como o Paraná e o Uruguai. Além disso, davam-se bem com os guerreiros Charrúa, os quais constituíam, por seu lado, uma ameaça constante para as missões jesuíticas e para o seu gado. Mas conduzir manadas imensas da *Vaquería del mar* «até á margem oeste do rio Paraná, mesmo pelos *santalesmos*, representava sempre um grande risco. Por isso, quando começaram a levar as suas expedições laté aos territórios

(5) Simonsen, R. iC., *História económica do Brasil, 1500-1820*, (São Paulo, 1(944), il, p. 2'62-2&S; iConi, *Gaúcho*, p. 189; Sierra, *Historia*, pp. 514-i7, 75-16.

a leste dos rios Uruguai e Negro, os *santafesinos* ficavam satisfeitos por vender couros, gordura e sebo aos portugueses, fregueses situados, como convinha, mias à mão.

Pelo que diz respeito (aos *porteños*, sem dúvida, 'também estes, às vezes, participavam no contrabando com os portugueses. Mas os seus fregueses principais iam a Feitoria britânica e os *navios de registo*, isto é, navios ocasionais mandados de Espanha. Entre o ano de 1716 e o de 1719, quando a Guerra de Albemarle quebrou pela primeira vez os direitos do *Asiento*, os ingleses estabelecidos em Buenos Aires exportaram 107.630 -couros e 1.081 *quintales* de sebo. Dos 61.000 couros concedidos à Feitoria inglesa pelo *Cabildo*, apenas uma parte muito pequena veio da Banda Oriental. Quanto, porém, aos restantes 46.630 couros, que não tinham sido comprados por intermédio do *Cabildo*, o mais provável é que tivessem vindo precisamente da Banda Oriental, onde «era mais fácil encontrá-los do que na margem ocidental. De facto, o *Cabildo* de Buenos Aires andava muito preocupado por causa de todos os negociantes sem licença que vendiam couros aos ingleses a preços mias baixos do que aqueles exigidos pelos *accioneros* e estabelecidos pelo *Cabildo* (6).

II

As novas exigências causadas pelo *Asiento* e pelo regresso dos portugueses à *Colónia do Sacramento* logo conduziram a uma mudança importante nos métodos de exploração. Em vez de expedições temporárias que só recolhiam gado bravo durante dois meses por ano, bandos de homens ocupavam-se agora em caçar e matar gado na Banda Oriental durante o ano inteiro. Regra geral, estes homens iam empregados de um grande negociante de gado de Buenos Aires ou Santa Fé. Mas, pouco a pouco, apareceu uma outra categoria de pessoas, brancas ou mestiças, que também ganhavam a vida a matar gado para vender couros aos portugueses, mas sem fazerem parte da comunidade. Estes eram *Gauderios* ou *Gauchos*. Não é para admirar que as manadas de gado bravo

(6) Coni, *Gauchos*, pp. 84-6; iStu-der, EoF.S. id-e, *La trata do negros en el Río de la Plata durante el siglo 18* (Buenos Aires, 1958), cuadro 8-, p. 202; Sierra, *Historia*, pp. 52-3; *Acuerdos del extinguido Cabildo de Buenos Aires*, 21 de Março e 7-8 de Agosto de 1716.

viti mia das con t;n.uia d\amenite par todas aqueles homens e também os *gauchos*, sie assustassem e andassem sempre de um lado para o outro, com prejuízo da reprodução da 'espécie. Pelo menos, fod assim que os jesuítas, num inquérito de 17'2'2, tentaram explicar o desgaste rápido da *Vaquería del mar* (7).

Logo -no principio, os jesuítas, corno é nía tural, seguiram com ansiedade estes acontecimentos. Na Congregação Provincial em Córdoba, no mês de Outubro de 17'17, propôs-se que um dos procuradores então eleitos se avistasse com o Rei e o Conselho das Índias para tratar da questão da *Vaquería del mar*. As Missões Guarani estavam absolutamente dependentes deste abastecimento de gado, mas segundo o proponente, os *santafesinos*, desde ha dois anos, tinham levado dali centenas de milhares de animais. A acta da sessão indica que a Congregação sabia bem como a situação era séria, mas que julgava necessário ter provas suplementares antes de tomar providências. A razão fundamental da discussão é clara: já em 1716 os *santafesinos* exploravam em grande 'escala ia *Vaquería del mar*. O *Cabildo* de Buenos Aires tinha sido informado de que André López Pintado 'estava na Blanda Oriental oom 400 pessoas, pelo menos (8).

Ê de notar, porém, o facto de que os próprios jesuítas, ou os índios sob 'a sua tutela, segundo o inquérito já citado de 1722, tinham deixado, a partir de 1717, que os espanhóis recolhessem gado bravo na Banda Oriental, para evitar altercações e violências. Dez anos antes, lafirmou uma das testemunhas, o Padre Superior das Missões até recusou ao próprio Colégio dos Jesuítas de Corrientes licença para recolher gado bravo na *Vaquería deti mar*. Decorridos, todavia, mais cinco anos, os índios, por medo, permitiram que os espanhóis o fizessem. 'Segundo afirmou outra testemunha, Gabriel Patiño, jesuíta das Missões desde há mais de vinte anos, os espanhóis de Buenos Aires e de Santa Pé só duas vezes recolheram gado bravo secretamente na Banda Oriental, facto que

(7) MCA, V, lISfr-tëS'S: Interrogatório do Superior Banítez, die 17'22; Coni, E. A., *Gaúcho*, pp. 93-51.

(8) ARIST, Congregationum Provinciarum, vol. IS8 (XVIII 'Congr. Prov. Paraquariae). (Leonhardt, *Establecimientos*, que se refere na pág. 105 a este documento, supõe que as terras mencionadas são *entre* os rios Paraguai e Uruguai. Mas o documento alude claramente ias planícies extensas «ultra fluvium Vruguaium».

os 'Guarani não bardaram a divulgar, mas desde 1717 que os índios permitiam que eles passassem, talvez só para evitar males ainda piores. No entanto não deve dar-se a este relatório a interpretação de que os negociantes de gado costumavam na realidade pedir às Missões Guarani ou aos jesuítas, licença para recolher ou matar gado bravo na Banda Oriental. Talvez aqueles que estavam em boas relações com os jesuítas a pedissem, mas apesar das alegações dos que iniciaram o inquérito de 1722, é impossível ter sido de aceitação geral que a *Vaquería del mar* alguma vez pertencesse às Missões Guarani ou que tivesse habitualmente pedido licença a estas missões. Havia apenas uma certa falta de interesse pelo assunto em Buenos Aires e em Santa Pé, enquanto houvesse à mão recursos semelhantes ⁽⁹⁾.

Não obsibanbe ta inoerbezia acerca da origem e da posse legal da *Vaquería detf mar*, é >evidenbe que os governadores de Buenos Aires gostosamente acerbavam o facto de ela ser aproveitada pelas Missões Guarani. Compreenderam quanto as Missões dependiam deste abastecimiento e, além disso, que elas eram sempre um baluarte valioso contra a agressão e a expansão portuguesa. Em consequência, o Governador García Ros, quando, a 7 de Dezembro, escreveu a sua bem conhecida carta ao Rei, para protestar contra a restituição da Colónia do Sacramento, incluiu um trecho referente às missões. Afirmava que, se fosse permitido aos portugueses

(9) MCA, V, 187-235. Como de costume nesites interrogatórios, a pergunta fornecia a maior parte da resposta; por ex. o § 8: «Si saben o han oído decir, q. los Españoles de Bs (Ay.⁸ y Sta fee nunca entraron a vaquear o recoger vacas cimarronas en dhas vaquerías del Uruguay, asta agora cinco años mas o menos, y esso por puro condicendim.¹⁰ de dhos Ynldlios, a fliin de evitar maiores males de violencias, persecuciones etc.». Testemunhos mencionados, *ibid*, pp. 216, 221. (Na *Breve relación*, p. 533, o Padre Cardiel repete uma tradição duvidosa mas típica da argumentação jesuítica: «hacia los años de 17120, un español benemérito de las Misiones, pidió licencia para ir a vaquear para sí a esta vaquería dllel mar... Pidió licencia este español, porque sabía que no eran vacas comunes sino originadas de las que en su transmigración dejaron los indios, y multiplicadas en tierras no de particulares, sino en que se habían criado los indios en su gentilismo, que à *natura* eran suyas: y mandan las leyes Reales que no se quiten á los indios que se convierten. Díosele licencia, y cogió como treinta mil». Depois outros a pediram, não a receberam e seguiu-se então uma disputa com Buenos Aires. Segundo o que diz este autor jesuíta, não só o gado, mas também a terra da longínqua Banda Oriental, pertenceu aos guaranis.

entrarem no interior da Banda Oriental, comprometeriam seriamente o abastecimento de carne das Missões Guarani e unir-se-iam com os charruas, velhos inimigos dos guaranis ⁽¹⁰⁾.

As tribos Charrua —• minuanes, guenoas, etc. — que viviam espalhadas em ambos os lados do rio Uruguai, naquela altura estavam em fooco. A pedido dos jesuítas, o Governador de Buenos Aires aoabou por mandar uma expedição militar para limpiar Entremos dos charruas que lá viviam. Mas esta expedição de 1.500 homens, na sua maior parte guaranis das missões, sob o comando do oficial espanhol Piedra Buena, enquanto andou em campanha, desde Novembro de 17H5 até Janeiro de 17il6, não obteve êxito. Encontrou apenas bandes muito pequen-cs de charruas, pois a maior parte destes índios tinha-se refugiado, provavelmente, no 'outro lado do rio Uruguai, que a expedição não atravessou. A insubordinação do seu oficial substituto oibrigou-o finalmente a retirar e conseguiu chegar à missão jesuítica de Yapeyú com algumas baixas. Os *santafesinos*, que, não há dúvida, até certo ponto costumavam pactuar com os charruas contra as Missões Guarani, eram contrários à campanha, mas incapazes de impedi-la. De 17il6 em diante, por conseguinte, a fúria dos charruas manifestou-se também contra os «traíçoeiros» *santafesinos* e os territórios, de Entremos tomaram-se ainda mais inseguros. Assim, urna aliança entre os portugueses e os charruas poderia ser muito perigosa não só para as Missões Guarani dos jesuítas mas também para todas as províncias espanholas do Rio da Prata ⁽¹¹⁾.

Como apontou o Procurador da província jesuítica do Paraguai, Padre Barbolomeu Jiménez, em Madrid, no ano de 17'16, os charruas poderiam aliar-se aos abipones, cavaleiros selvagens inimigos da margem ocidental do rio Paraná e fornecer aos portugueses da 'Colónia do Sacramento os cavalos de que tinham tão desesperad ora necessidade. O Padre Jiménez, num *memorandum* impor-

i⁽¹⁰⁾ 'Carta de iGancia Ros in CBAIC, I, 4153-8. Ver também o Cabildo de (Buenos Aires ao Rei, 116 de (Dezembro de 11'7)15 (*Pastells*, VI, 39-40). Sierra, *Historia*, pp. 54-5'5.

'⁽¹¹⁾ Pérez Colman, CB., *Historia de Entre Ríos. Epoca colonial, 1520-181Q* ('Paraná, 1SQtê) vol. I, pp. 112-7; *Ibid.*, pp. 4111-424, reproduz-se o relatório da expedição escrito pelo seu capelão, o Padre jesuíta Policarpo IDufo. Ver também Sallaberry, JF., *Los charruas y Santa Fé* (Monbeviideu, 19'26), pp. 179-221.

tante, propos diversas medidas para fortalecer a posição da Espanha na região do Rio da Prata: a construção de galés para patrulhar a costa ; a remodelação da administração ; os vagabundos obrigados a trabalhar; e mais negros comprados aos ingleses para cultivar a terra. Também as próprias missões jesuíticas poderiam prestar serviços valiosos, como tantas vezes já tinham feito no passado: sob o comando de oficiais espanhóis, as suas tropas poderiam vigiar os portugueses e pacificar, talvez, os selvagens. O Rei prontamente ordenou ao Governador de Buenos Aires que se aproveitasse esta proposta jesuítica ⁱ(¹²).

Quer o governador se tivesse servido logo dos guaranis, quer não, não tardou a haver encontros entre os índios e os portugueses. Já em Fevereiro de 1717 o Governador de Buenos Aires informou que tinha recebido urna queixa do seu colega da 'Colónia do Sacramento de que um bando armado de guaranis tinha recolhido gado a umas dez léguas da Colónia (¹³).

Os jesuítas espanhóis, por seu lado, informaram em 1718 que os seus índios tinham encontrado dois acampamentos portugueses muito longe da Colónia do Sacramento. Ajudados por selvagens a quem tinham dado armas, os portugueses estavam a matar gado para obter gordura e sebo. Estas notícias eram devidamente transmitidas a Madrid. Devem ter dado ainda mais razão às ordens que o Governo mandava repetidamente ao Governador de Buenos Aires para que vigiasse tudo que os portugueses fizessem e fortificassem os portos de Montevideo e Maldonado antes que estes os fortificassem. A reacção do próprio Governador Zabala às informações dos jesuítas foi a de dar ordem aos guaranis para que destruíssem todos os acampamentos improvisados dos portugueses

(¹²) IRIC ao Governador Zabala, 11 de Novembro de 1717*6 (*Pastells*, VI, (Memorandum do Padre Jiménez, 14 de Fevereiro de 1717, *ibid.*, 13<6-145, É o mesmo documento e reproduz-se também *in Verbatim* in MICA, V, 155-163, embora o editor, J. Cortesão, o classifique como anónimo e de 1710 aproximadamente. IRC ao Governador Zabala, 13' de Novembro de 1717), na iGBAC, I, 4*6:5-6<: «...procureis cultivar a los Religiosos de la Compañía de Jesus para que tengan disimuladamente prompts a mi Real servicio los Pueblos de sus doctrinas, que En otras ocasiones se han experimentado sumamente utiles y pueden ser necesarios en las ocurrencias que puedan sobrevenir.» iCf. RC de 27 de Janeiro (de 1720, *ibid.*, 4*69.

¹³) O Governador García Ros ao Rei, em 11 de Fevereiro de 1717, in *Pastells*, VI, 134-5. Cfr. *ibid.*, 154.

quando da sua 'expedição anual à *Vaquería dél mar* no mês de Outubro. Um padre jesuíta e um irmão leigo, Marcos de Vil'ldas, acompanhados pelo tenente Francisco Gutiérrez e uns soldados espanhóis, puseram-se a caminho com 400 guaranis. Encontraram um acampamento português sem ninguém e incendiaram este e -algumas pilhas de couros ma Véspera do Ano Bom de 1718. Mais tarde, durante um encontro com os irritados portugueses, estes quase iam matando o próprio Villodas. Levaram-no à Colónia do Sacramento, que 'estava nas proximidades, mias passado pouco tempo puseram-no em liberdade. O Governador Zabalia considerou o incidente uma violação do tratado de paz. Os portugueses, por seu lado, queixaram-se de que lhes tinham roubado uma quantidade de cavalos. Do governador Zabala receberam uma resposta branda, mas negativa ⁽¹⁴⁾.

Os portugueses, evi dan temente, ficaram seriamente perturbados com as actividades dos guaranis. O Governo Português tomou, por isso, ia medida bastante exfracrdinária de enviar directamente ao Padre Tiamburini, Geral dos Jesuítas, em Roma, ias suas queixas contra as missões des jesuítas lespanhóis. O Padre Geral mandou çmediatamente, em Maio de 17'20, uma carta, 'escrita para mostrar o seu desagrado, ião Provincial do Paraguai e «ordenou-lhe que pusesse fim aos incidentes com cs portugueses. Dizia o seguinte: «Aviendo llegado <a mi noticia q algunos sujetos de esa :Prov.^a que discurro deben ser los q viuen en las Doctr.⁸ del Rio Paraguay ô de la Plata han fomentado los animos inquietos de algunos Indios p.^a q inquieten a los vasallos del Ser.^{mo} Rey de Portugal, q habitan la Colonia del Sacram.¹⁰ no puedo dejar de significar a VR.^a el disgusto, q me ha causado tan sensible novedad, por el que sé q ha recibido el mismo Rey, quien se ha dignado de darme imme-

i⁽¹⁴⁾ | O -Governador Zabala ao Marqués Grimaldi, 'em 4 de Julho de 1718, in *Pastells*, VI, 1'710-1. O Conselho das índias ao Rei, em 4 de Novembro die 1719: *ibid.*, 190-3. 'Relatórios 'die Marcos de Villodas, em 9 de Janeiro e 2 de Fevereiro de 1'711-9, in MIÛA, V, 1'TO^Ç. Foi um «Religioso», i.e., provávelmente um jesuíta que se encontrava entre os portugueses, «quem salvou a vida ao ferido Villodas. Ver também o testemunho do 'Superior das Missões Guarani, Padre Bernardo Nussdorffer, num interrogatório «de 171(5, *ibid.*, 31'2. O Governador Zabala ao 'Governador Gomes Barbosa, em 22 de Março e 21 Ide iDezembro de 1719: MIAiC, III, 2-24, 2516-7. Nestas cartas, em vez de «japes» leia-se «tapes», i.e., 'guaranis.

chatamente la queixa ... Por quanto he tenido informe particular de que no solo oon 'el consejo y dirección, sino también oon el concurso personal de los nuestros, se han executado las invasiones dibas, en que sucedieron robos, y iaun muertes yendo per Gap.ⁿ ide los inquietas uno de los Jesuítas, 'es preciso, que el que en esta va como orden serio y no unas, passie >a precepto, y assi mando ¡absolutam.^{te} en virtud de S.^{ta} Obedien.^a pena de pecado mortal q ninguno ¡de los nros (ayude con su consejo, y mucho menos incite y concurra con su persona o influxo, â semejantes inquietudes, 'antes bien q hagan tudo lo possible para 'apaciguar los animos q reconocieren inquietos y ¡mal aficionados a los vasallos del Rey de Portugal...». A carta não dá a impressão de que o Padre Geral 'estivesse ao comente da situação complexa que existia na região do Rio da Prata, e 'em que os jesuítas .espanhóis e também os jesuítas portugueses -andavam profundamente çimplificados (15).

Aconteceu ao mesmo tempo, iem Madrid, que o Padre Jesuíta Daubenton, Confessor real, deu um conselho importante ao Reá referente às negociações com Portugal acerca da Colonia do Sacramento. Insistiu na necessidade de aderir à interpretação do «al cancelados - canhões - da - for ta leza » na questão da demarcação, porque «Si les concediesse a líos portugueses las tierras, que piden, fueran dueños de 'todas las (Bacas de aquellas tierras, sacando Navios cargados de Cueros; siendo también dichos Portugueses de grandissimo perjuicio a la nuesitra Chrihiandad de el Paraguay...» (16).

(15) O Duque de Cadaval, Conselheiro do Rei de Portugal, em 6 de Março de 1720 .pensava, com respeito à Colónia do Sacramento, que «em escrever ao Geral da (Companhia nada se peddia, mas ganhar-se-ia pouco» (MAC, II, 264). Que eu saiba a carta do Padre 'Geral Tamburini, de 7 de Maio de 1720, ainda não foi publicada: consultei excertos extraídos pelo Padre Hernández na Biblioteca Nacional, Madrid. 'Encontram-se no ACS.

i(16)» Parecer do Padre Daubenton, da/do em 10 de Junho de 1720 e em 7 de Março de 1721: OBA1C, I, 470-2. Bermejo de la Rica, A., *La Colonia del Sacramento*, (Madrid, 1920) pp. 15(9-012. Daubenton, durante alguns anos, tinha empregado a sua influência junto do Rei a farvor 'da provincia jesuítica do Paraguai IA Congregação Provincial de 1(717 resoflveu, por consequinte, exprimir-lhe a sua especial gratidão (tAiRSI, Congreg. Provine., vol. 68: XVII. Congr. Prov. Paraquariae). Ver também Duprey, J. *Voyage aux origines françaises de YUruguay*, (Montevideu, 1962), pp. 36-7.

Em Buenos Aires, o Governador Zabala tinha «chegado, em 1720, à conclusão que o único meio de confinar os portugueses dentro do seu pequeno territorio >e de cortar a sua comunicação com gaúchos e charruas seria servir-se em grande escala dos guaranis das Missões «...para que subsbenádos de un destacamento dei Pressi dio, corriesen la Campaña y castigassen a qualquiera que encontrasen del Partido Portugués...». Vencidas as apreensões de que os índios pudessem abusar dos privilégios, mandou que expulsassem os portugueses do interior. Parece pouco provável que houvesse quaisquer guaranis entre as tropas que, sob comando do Capitão Martín de Echauri, tinham feito fugir de MaiLdonado em 1720 os invasores franceses. Também parece pouco provável que os houvesse nas outras operações contra os franceses, pois a sua vigilância se dirigia antes contra os portugueses na Colónia do Sacramento (17).

Entretanto, 'os recursos da *Vaquería dei mar*, aos quais concorriam avidamente todos os interessados, espanhóis, portugueses, guaranis, os ingleses da Feitoria e até franceses, iam-se esgotando rapidamente. A pedido do *Cabildo* de Buenos Aires, o Governador Zabala, «em dotis decretos promulgados entre Agosto e Outubro de 17'20, proibiu os *porteños* e também os *santafesinos* de explorarem ia *Vaquería del mar* durante um período de quatro anos. O *Cabildo* «de Buenos Aires teria, certamente, preferido que os guaranis também tivessem sido incluídos na proibição, mas, no caso deles, o Governador Zabala pediu simplesmente que recolhessiem gado bravo com moderação ie só para a sua própria subsistência (18).

Neste estado de coisas, três dos pretendentes acharam conveniente 'entrar em negociações uns com os outros. Por essa razão,

(17) Zabala ao Rei, 2 ide (Setembro de 1721, in *Pastells*, VI, 243-4. RC de 1'8 de .Maio Ide 11722 ao Governador Zabala: CBAC, I, 476-8. Testemunho do (P.º Nussdorffer, citado na nota 14. Segundo o que diz o Padre, 200 guaranis foram mandados em 11721; Zabala diz ter ordenado o envio de 600 índios.

i(18) Pedido do *Cabildo* de Buenos Aires datado de 12 de Agosto; decreto de Zabala, em Buenos Aires, em 1® de Agosto; e em Santa Fé (enviado também «para as Missões Guarani) em 15 de Outubro. Ver Zabala, R. e Gandía, E. de, *Historia de la ciudad de Buenos Aires* (Buenos Aires, 1937), vol. III, 19-23; Coni, *Vaquetas*, -pp. 70-1.

dois representantes do *Cabildo* de Duen'os Aires e dois do *Cabildo* de Samba Fé encontraram-se ao principio de 1721 com o Reitor do Colégio dos Jesuítas de Buenos Aires, o Padre Jerónimo Herrán e o Procurador das missões, Padre Lourenço Daffe. Em primeiro lugar, chegaram a um acordo sobre a demarcação que há muito tempo se tornava necessária entre «as extensas jurisdições» das duas vilas. O rio Uruguai devia constituir a linha de demarcação do outro lado do rio o Paraná. Em seguida resolveram que, todos os anos, quem oferecesse em leilão o preço mais elevado para se apoderar do monopólio, poderia recolher 50.000 oabeças de gado na Banda Oriental. No rio Uruguai encontravam-se três superintendentes, representando os dois *Cabildos* e as Missões, para garantir que não se excedesse o número permitido de animais. Logo que o gado estivesse em Santa Fé, 12.000 animais deviam ser reservados para serem consumidos pelos *porteños*, 6.000 pelos *santafesinos*, e os restantes poderiam ser vendidos sem restrição. Os *Cabildos* permitiriam que os jesuítas recolhessem o gado preciso para abastecer as suas missões, mas não lhes seria permitido vender qualquer gado. Em poucas palavras, a situação dos jesuítas continuava na mesma. A convenção deu-se, provavelmente, em Janeiro mas o registo que temos traz a data de 3 de Março de 1701. Chamou-se-lhe, vulgarmente, a «Concordia» e foi aprovada por uma Cédula real em 8 de Julho de 1722⁽¹⁹⁾.

Enquanto se realizava a «Concordia», o Governador e o *Cabildo* de Buenos Aires também tomavam medidas para limpar o litoral da Banda Oriental dos homens que procuravam gado bravo e dos gaúchos que lá viviam em número sempre crescente. O Governador Zabala promulgou em 10 de Dezembro de 1721 um decreto que os proibiu de ali ficarem, com excepção de um número muito reduzido de *Peones* que tomavam conta do abastecimento da gordura e sebo dos *porteños*. É provável, como sugere E. A. Comi, que esta medida, que nunca realmente se pôs em vigor, tencionasse

⁽¹⁹⁾ «Testimonio de la (Escritura de (Concordia», em 3^o de Março de 1721, in *Pastells*, VI, 234-6; 'Confirmação real: *ibid.*, 277-8; Sierra (*Historia*, II, 81-2) segue a versão de Pastells. A versão de Corii, E. A. (*Vaqueras*, 7H-2) e a (de Porto, A., (*Historia das Missões Orientais do Uruguai*, vol. I, Rio de Janeiro, 1940, 211-2) diverge um tanto. Cervera M., (*Historia de Santa Fé*, II, 100-1), autor santafesino, observa amargamente sobre a Concordia: «Era repartir lo ageno».

principalmente atingir os portugueses, com quem os *Peones bagamundos* costumavam negociar. Mas ao mesmo tempo também se enquadrou na política geral para reduzir a exploração da *Vaquería del mar* (20).

'Por outro lado, a contínua 'exploração destes recursos pelos guaranis das Missões, lambona em conformidade com a «Concordia» e permitida pelo Governador de (Buenos Aires, seria capaz de causar descontentamento em Buenos Aires. Pode-se considerar quase certo que os jesuítas-, conscientes do desgaste rápido da *Vaquería del mar*, aproveitavam a sua posição privilegiada para recolher mais do que o número usual de gado a fim de aumentar a *Vaquería* das missões que eles tinham de reserva. Acerca disto se falará mais tarde. Eim todo o caso, o *Cabildo* de Buenos Aires, ao receber informações sobre as actividades de uma expedição guarani na outra margem, convenceu o Governador a enviar o Capitão Juan de San Martín para a Banda Oriental a investigar o que se lá passava e a pedir que os guaranis se retirassem, «con toda urbanidad y cortesía». O relatório do Capitão San Martín, em Março de 17'2'2, era desanimador, pois tinha encontrado a *Vaquería del mar* completamente devastada e pilhas de ossos por toda a parte. Não admira que o *Cabildo* iniciasse uma campanha para pôr termo às 'expedições jesuítas-guaranis, pelo menos durante dois anos.

Os jesuítas, porém, esitavam prontos a defender a sua causa. O Provincial, Padre Aguirre, referiu-se com razão aos termos da «Concordia» e também ao facto de que, enquanto o contrabando se desenvolvia inevitavelmente «entre espanhóis e portugueses, a hostilidade luso-guarani era uma salvaguarda contra este contrabando indesejável. Como contra-ofensiva, até pediu que o Governador proibisse de entrar na Banda Oriental tanto os *porteños* como os *santaesirtos* (21).

(20) CBAC, OE, 474-15; Coni, *Gaúcho*, pp. 93-95. O seu relato in *Vaquerías* é menos pormenorizado. (Cf. Zabala e Gandía, *Historia*, III, 3'0, que não conseguiram encontrar motivo para a medida tomada pelo Oveador.

(21) Zabala e Gandía, *Historia*, III, 31-3. O Padre Aguirre ao Governador Zabala, 9 de Julho de 1722 in MCA, V, ltil-6, fala dos fins contrários dos «Capitulares q. al presente componen los dos M. 111.» Cavildos» —o que faz crer que alguns *Cabildantes* recentemente eleitos eram responsáveis pela mudança de atitude para com os guaranis depois da «Concordia».

O Provincial também deu ordiem para que o Superior dias Missões Guarani se informasse junto dos jesuítas das missões para provar mais uma vez que os guaranis tinham direito à *Vaqueria del mar*. Deu instruções pormenorizadas sobre ia preparação das testemunhas e ia inclusão de leigos, corno, por exemplo, o mula'to Marcos Moneada, velho empregado dos jesuítas. O Superior Boni fez cumpriu prontamente o seu dever, como se vê pelo inquérito de Setembro de 1722. Quanto ao resto da disputa entre o *Cabildo* e as Missões, sabe-se que, finalmente, em Março de 1723, o Governador Zabala obrigou as partes contrárias a acabar oom ela, provávelmente tendo os termos da «Concordia» como base ⁽²²⁾.

As instruções, porém, que o Padre Aguirre deu ao Superior têm outros pontos de interesse. O Provincial disse que resolveu estabelecer uma missão 'especial para alguns charruas (guenoas), que eles próprios tinham pedido. «Por las lespediales instancias de los guenioas asi Xptiamos como infieles... 1 también por tenerlos de nuestra parte seguros, para que defiendan las vaquerías del mar, de los que sin raçon, Justicia ni derecho tiran a destruirlas, y a despojar de su provicion y derecho a nuestros indios: he determinado el que se junten en un Pueblo separado; y para que sea con acierto tengo señalados al P. Claret y al Juan de Yegros, a quienes desean los Infieles, para que reconozcan algún puesto a proposito, donde se puede fundar idho Pueblo, 'de manera que puedan ser socorridos de los demas, como pide la caridad y utilidad de todas las Doctrinas; pues todas serán interesadas en que defiendan dhas Vaquerías».

'No entanto, em 1722, o Provincial Aguirre não pensava em suspender as expedições para a *Vaqueria del mar*. Pelo contrário, mandou um grupo de indios bem armados juntamente com dois jesuítas

(22) AGBA, IC. de J., legajo 3(170(3^2;2), p. 990: «Memorial del OP. Prov.' Joseph de Aguirre para tel P. ¡Superior del Parana, y Uruguay, y sus Consultores en la Visita de 17!2'2». No § 3 afirma-se que «Antes que declaren dhos testigos, serán bien instruidos, y enterados del referido derecho de nuestros Indios, leyéndoseles los papeles, que se formaron en tiempo del P. Pablo Castañeda sobre esta mesma materia, que esltan en el Archivo del Officio del Superior...». Tinham de fazer três exemplares do interrogatório: um para os arquivos da provincia jesuítica, um para a *Procuraderia* em Buenos Aires e um outro para os procuradores que ram a Roma. O texto do interrogatório encontra-se in MCA, V, 187-,2135.

para esdclitar as pessoas enviadas ià *Vaquería del mar* a recolher gado. Visto que o Procurador jesuíta em Buenos Aires devia informar este grupo de índios acerca dos bandos de espanhóis ou portugueses que talvez tentassem roubar gado aos guaranis, o Padre Aguirre esperava que a escolta pudesse desviar qualquer assalto ⁽²³⁾.

III

A partir de 17'20, aproximadamente, as Missões Guaraní começaram a fazer tentativas para se tornarem independentes dos recursos muito reduzidos da *Vaquería del mar*. Alguns anos antes tinham já resolvido arranjar outra *vaquería*, propriedade exclusiva das Missões, num lugar que so difícilmente poderia ser invadido por estranhos. Escolheram um sítio não muito longe da cos'ba, ao sul do rio Pelotas e cerca de 400 Kims. a leste das missões meridionais. Cercavam-na montanhas e florestas e chamaram-lhe *Vaquería de los Pinares*. É bastante de admirar que tanto a lembrança da devastação das Missões Tape como a proximidade da pequena vila portuguesa de Laguna não tivesse dissuadido os jesuítas de escolher este sítio, mas aparentemente confiavam na sua inacessibilidade. De qualquer modo levaram à *Vaquería de los Pinares* 80.000 cabeças de gado e deixaram-mas lá para se reproduzirem. O Provincial Aguirre e o seu sucessor Luís de la 'Roca ordenaram que alguns jesuítas e o seu -empregado, Marcos Moneada, que era entendido na criação de gado, inspeccio-nassem repetidamente a *Vaquería de los Pinares* para saber 'tudo o que ia acontecendo. Não há indicação alguma de que os jesuítas informassem as autoridades espa-

(23) iCfr.: (Astrain, VII, '627 e IFurlong, *José Cardiel*, p. 203-4. Referência no § 5 do «Memorial» adi ma menciona do. *Ibid.*, -§ '6: «No obstante la ajuda de los /Guenoas, para que todos índios vaqueen con seguridad en los (parajes donde ai Vacas, que es azia Montevideo, Castillos, sal-dra -para escoltar las tropas que recogeren, un trozo de Indios bien armados con dos sujetos... para hacer espalda a los Vaqueros y embarazar los designios de los Portugueses e ¡Españoles que intentaran despajar de las tropas a los nuestros, conforme el aviso, que el P. Proc.^{or} de Misiones de (Buenos ay.⁸ les dara de la gente, que saliere ¡para dlho efecto». Cfr. AGBA, C. de J., leg. 4, p. 212: «Memorial del P. Prov.' (Luys de la Roca para el P. ISup.' de las (Doctr.⁸ Thomas Rosa... Agosto de 117)215», § 5. «Ordenará VJR. que salgan a vaquear los Pueblos, y que traigan q.^{to} ganado pudieren, y para cuitar lances con los Españoles irá escolta competente y un iSugetto de los Nuestros que cautele las ocasiones de disturbios».

nhoias dias medidas que la-ndaviam a tomar, 'e procuravam também, a todo o 'custo, ocultá-las dos portugueses. Oa«dia missão tinha já uma 'estância bastante 'extensa de gado domesticado, mas por causa dos índios terem tão pouco jeito para criar gado, julgou-se absolutamente necessário «arranjar um grande reser via torio de gado bravo a fim de garantir um abastecimento regular de carne. Visto que os jesuítas espanhóis contavam que o gado, deixado em paz, aumentaria para 500.000 cabeças dentro de oito anos, compreende-se fácilmente o que para eles significava a *Vaquería de los Pinares*. Mas as suas grandes 'esperanças desvaneceram-se por completo. Os acontecimentos que «estavam na base deste desastre (considerado do seu ponto de vista) eram os seguintes (24).

A descoberta de oiro na região de Cuiabá, «em Mato-Grosso, por volta de 1720, criou de repente no Brasil um importante mercado interno para produtos animais. Uns anos mais tarde, outro centro mineiro, em Goiás, juntou-se a 'estas afastadas povoações, que iam rápidamente aumentando e que 'estavam absolutamente dependentes «de um «abastecimento regular de carne. Às vezes, os mineiros passavam fome, enquanto na Colónia do Sacramento e Laguna, as duas povoações portuguesas mais perto do sul, havia oame salgada e também couros, que eram os produtos principais desitas povoações. Mas não havia qualquer caminho por via terrestre entre Laguna e 'São 'Paulo para que o gado pudesse ser

(24) JCardiel, *Breve relación*, ip. '534. Note-se a sua observação de que logo que os Jesuítas souberam que a *Vaquería del mar* tinha sido invadida pelos Espanhóis «se 'habían dado a Coger cuanto antes de ella lo que pudies«en, y «formar estancias en las oercanías de los pueblos». *Memorial* Ido Padre lAguirre em H7212, § 7; *Memorial* «de Rojea «para o 'Superior (Rosa em Abril de 1'724 (AlGWBA, |C. «de J., leg. 4, p. 89), § 12: «Despachará V. 'R. dos sujetos... a registrar la vaquería de los Pinares, y los podra acompañar como Practico el (Mulato Marcos de Moneada); *ibid.*, 21«2: *Memorial* «de Roca em Agosto de 1725, § 8: «Se visitara la 'Vaquería de los Pinares, y se registrará si ay multiplicio y el origen de su falta si la huiere y en caso de «reconocerse necesidad de toros los darán el Yapeyu y la Cruz prora teando su costo por los Pueblos». Um escritor jesuíta contemporâneo citadlo por Teschauer (*História do Rio Grande do Sul dos dous primeiros séculos*, lili, Porto Alegre, 19'22, p. '69) dá o ano de 1709 como o do inicio da *Vaquería de los Pinares*. Segundo (Francisco de Souza e Faria, foi em 1712 (*Rev. do Inst. Hist. e Geogr. Braz.*, vol. 09, ip. 28'8). Cfr., porém, Porto, *História*, I, 2U2, nota 4. Em todo o caso, o mais provável é que os Jesuítas tivessem conduzido a maioria do gado para lá durante a terceira década «do século XVDI>I.

conduzido até aos novos centros de consumo. Em 1727, porém, o Governador de São Paulo mandou abrir uma estrada de Curitiba para o sul. Em cumprimento desta ordem, o sargento-mor Francisco de Sousa e Faria foi a Laguna, onde, sem dúvida, já tinham chegado boatos de haver manadas errantes de gado algeus, nas proximidades do Rio Pelotas. (Nos princípios de 1728, o sargento-mor Faria, com cerca de 90 homens, começou a subir a serra marítima e depois de andar durante quase um ano alcançou finalmente a *Vaquería de los Pinares*. Ao pé de uma cruz de madeira, colocada por Marcos Moneada, ergueu um marco com a seguinte inscrição: «Viva El-Rei de Portugal ¡D. João o 5.^a — anno /1729», e assim tomou posse da terra — e do gado. A expedição ficou uns seis meses neste distrito e então retomou o caminho para Curitiba, onde chegou finalmente em Setembro de 1730, depois de sofrer muitas privações. O sargento-mor Faria, o primeiro a aproveitar-se deste recurso, avaliou o gado em 200.000 cabeças, aproximadamente. Boatos acerca do que tinha acontecido não tardaram a chegar às Missões. Quando em Maio de 1730, o Provincial Herrán ordenou ao Superior das Missões que tomasse a seu cargo uma das inspecções de rotina da *Vaquetía (de los Pinares*, estava ansioso também por descobrir alguma coisa sobre a nova estrada que, segundo se dizia, os portugueses tinham aberto através da *Vaquería*. Neste trecho das suas instruções, lê-se: «Señalará V.^a R.^a un P.^e para visitar la vaquería nueva de los Pinares, advirtiendole que reconosca todas sus ensenadas, ô rincónadas, para que trayga noticia muy individual asserca del multiplicio y extension de las vacas, como del camino que se dice han abierto los Portugueses por aquella vaquería»⁽²⁵⁾).

Mais iseriia impossível refrear os portugueses. Em 1781, um grande negociante de gado, Cristovão Pereira de Abreu, foi da Colónia do Sacramento a Laguna e, seguindo na esteira do sargento-mor Faria, entrou na *Vaquería de los Pinares* e levou daí 500 animais para juntar às suas manadas. Construiu pontes, etc.,

(25) Porto, *História*, I, 2^o14; Calmon, P., *História do Brasil*, (EU, (São Paulo, 1^o9413) p. 1180-2; Simonsen, *História económica*, II, 2154-7; IH, ©6-, 7/5, 96. Relatório da viagem pelo próprio Faria, datado de 21 de (Fevereiro de 1738, e outros documentos respeitantes ao jesuíta português Diogo Soares in *Rev. do Inst. Hist.* © Geog. Braz., vol. 6^o9, 217-309. Citação do *Memorial* de Herrán, 22 de Maio de 1730 ((AJGBA, (C. de J., Idg. 4, ip. 498) § 4.

e «assim tornou ia estrada montanhosa de Curitiba um tanto mais fácil para >os s'élis sucessores, que seriam numerosos. Quanto às Missões Guarani, tinham de considerar a Vaquería irrevogavelmente perdida. Segundo o jesuíta Cardiel, os portugueses apresaram-se ia matar todo o gado simplesmente para obter couros, sebo, gordura <e línguas, mas é provável que muitos (aniimais fossem conduzidos a Curitiba ou sucumbissem no caminho (26).

Este conflito entre os jesuítas espanhóis e os portugueses provocou as apreensões são só dos jesuítas mas também, até certo ponto, dos portugueses. Em Junho de 1701, o -Padre Diogo Soares, jesuíta português e cartógrafo famoso, então nia Colóniia do Sacramento, enviou ao Rei de Portugal uma carta em que ailvitrou a fortificação de Rio Grande, na foz da Lagoa dos Patos. Convinha fazer isso em parte para lestabelecer um 'entreposto muáito necessário na 'estrada para Colónia do Sacramento, e em parbe para desviar uma possível ofensiva dos 'espanhóis e dos jesuítas espanhóis através da -estrada recentemente aberta pelos próprios portugueses. Pereira de Abreu, todavia, quiando escreveu sobre o mesmo assunto, desdenbasaimiente pôs de parte a hipótese do risco de um ataque guarani. O acesso das Missões para a *Vaquería de los Pinares* era muito estreito, -declarou ele, de maneira que seria fácil impedir a sua passagem. Além disso, os índios eram cobardes: derrotá-los seria fácil. «Menos nos devemos persuadir que peção socorro aos Hespanhoes, pelo grande ciume que os PP. teem de que estes lhe entrem nas Aldeias, temendo perde-las».

Estas considerações 'estratégicas devem contudo <enquadrar-se no contexto da situação política da região do Rio da Prata, situação que tinha sofrido uma mudança importante por causa da construção da fortaleza de Momibevideu em 17*24. Vamos então considerar de novo a margem do Rio da Prata (27).

(26) 'Relatório da viagem escrito pelo próprio /Gristovão Peneira Jde Abreu, publicado juntamente dom o de Faria, p. 255 e ss.. Diz que, ao princípio, as pessoas que viviam em Laguna não ousavam utilizar o caminho, «por umas vozes vagas que corriao de haver gentio dos FP en dima da Serra», mas 'depois de explorar o terreno, ICristovão Pereira 'de Abreu conduziu por lá a sua expedição. Cardiel, *Breve relación*, p. 534.

(27) íCarta de Diogo Soares, de 2i7 de Junho de l'73-l, publicada por J. da Costa Rego Monteiro (*A Colónia do Sacramento, 1680-1777*, H, 80-2): «...abertos os 2 caminos novos... tenha IHespanha, e os Padres das Missões

IV

Foi turnia tentativa portuguesa para se apoderar do excelente porto de Mombevideu, em novembro de 1723, que finalmente fez com que os espanhóis entrassem em acção. O Governador Zabala agiu com muita energia e em Janeiro de 1724 as forças portuguesas tiveram de retirar-se. Logo depois começou a construir-se a fortaleza de San Felipe de Montevideu, servindo-se para isso de 1.000 guaranis que tinha pedido às Missões. Embora estes índios fossem pouco a pouco substituídos, até 1729 um número bastante elevado deles ficou em Montevideu continuamente ocupado neste projecto e os jesuítas queixaram-se de que o trabalho valioso dos guaranis não tivesse sido devidamente recompensado. Tivessem razão de queixia ou não, a verdade é que o Governador Zabala, num relatório que enviou ao Rei em 28 de Junho de 1724, exprimiu em palavras muito calorosas a sua gratidão para com os serviços que os Jesuítas e os guaranis tinham prestado. Um tal reconhecimento dos inegáveis serviços prestados à Coroa, considerado sob o ponto de vista da posição delicada dos jesuítas como alvo de todas as acusações violentas que lhes eram feitas naquela altura no Paraguai, por Amtequera e os seus adeptos, poderia ser considerado testemunho assaz valioso ⁽²⁸⁾.

huma porta para se introduzirem nos nossos sertões e Minas». Sobre o Padre Soares, cfr. Leite, S., *História da Companhia de Jesus no Brasil*, IX, {Rio de Janeiro, 1949} 130-7. Segundo o relatório de Cristóvão Pereira de Abreu, acima mencionado, havia entre as (Missões e a *Vaquería de los Pinares* «uma quebrada com matos mui espessos, e é por onde os ditos PP ha poucos annos, com muito trabalho, e força de braço, e machado, abríão caminho para passar os primeiros gados... o affectado temor, que nos querem introducir os apaixonados 'de sermos invadidos pelos Tapes, se não pode reaar em nenhum tempo, assim pela estreita garganta por onde sabemos entrão naquellas terras, com 510 armas se lhe pôde cortar o passo: domo por ser aquella nação tão traidora como cobarde... como á poucos annos se vio nas differenças que ti verão com os iParagaes >(=i *Comuneros* do Paraguai)».

i⁽²⁸⁾ Sierra, *Historia*, HT, 79181 ; *Diario de Bruno do Zabala sobre su expedición a Montevideo* (Montevideo, ISSO) p. 37: «Luego que llegué a Montevideo empesé a construir la referida bateria... con el seguro de que vendrían los indios tapes como lo tenia preuenido pero auienose retardado estos la concluy... EI dia '25 de Marzo llegaron l.'OOO indios tapes, y el Inmediato empesaron a trauajar en las demas fortificaciones Delineadas...». Segundo o testemunho do Superior Nussdorffer em 1713'5, 4.000 índios tinham

A fundação de Montevidéu! foi, de facto, um golpe severo nas esperanças portuguesas de penetrar e conquistar a Banda Oriental e a situação estratégica da Colónia do Sacramento tornou-se precária. Mas não era fácil intimidar os portugueses e a sua primeira tentativa, em Novembro de 1712, para estabelecer uma povoação no rio Grande de São Pedro, na foz da Lagoa dos Patos, pode considerar-se uma resposta às medidas 'tomadas pelos espanhóis na Banda Oriental. Também se tornavam cada vez mais conscientes das realidades geopolíticas de toda a região entre os rios Paraná e o Oceano Atlântico. Em 1727, o Governador de Rio de Janeiro, Vaia Monteiro, enviou para Lisboa um mapa baseado nas informações dadas por um índio das Missões Guarani, e feito pelo jesuíta português Luís de Albuquerque, para mostrar as posições daquelas missões. Estes pormenores suplementares, sobretudo das sete missões que tinham sido estabelecidas entre 1686 e 1707 na margem meridional do rio Uruguai, aumentariam provavelmente as apreensões dos portugueses ainda mesmo que a possibilidade de arranjar um contrabando lucrativo com estas missões tivesse momentaneamente surgido. Um historiador distinto, Jaime Cortesão, comentou: «Por muito surdos que fossem aos brados que chegavam do Brasil, o Rei e os seus conselheiros, perante o gráfico do P.^o Luís de Albuquerque e do seu colaborador o índio Tape, não poderiam deixar de compreender a ameaça que as aldeias da margem esquerda do Uruguai representavam. Se a Colónia do Sacramento era, aos olhos dos espanhóis, um espinho cravado na garganta do Prata, as aldeias dos Tape, sob o mando e o comando dos jesuítas, valiam por um cutelo cravado no flanco do Rio Grande» (29).

sido recrutados, «pero como los Portugueses, oyendo venían índios trataron de -dexar su intento», '2 JOO'O homens foram mandados regressar pelo Governador. O número de 1.000 trabalhadores índios dado por Zabala parece, todavia, -mais provável do que o de 2.000 que se pode deduzir do relatório de Nussdorffer <Pastells, VII, 309-10>.

!(29) Jaime Cortesão, *Alexandre de Gusmão e o tratado de Madrid*, I, 1.^a <P. (Rio de Janeiro, 1952), p. 304; O Governador Luís Vaia Monteiro, em 1727, alvitrou que «se poderá fazer muito negocio no Rio Grande, a fraude, por via dos Padres da Companhia, e índios Tapes...». Ver também, Calmon, *História*, III, 117H 13. Com respeito aos Siete Povos e aos motivos que ocasionaram a sua fundação, ver Mõmer, *Actividades*, I, 164. 1&5.

Tanto na região do Rio Grande como na da Colônia do Sacramento os rivais mais sérios dos portugueses a respeito do domínio sobre as planícies e as manadas errantes eram os mesmos: os cavaleiros guaranis das Missões jesuíticas espanholas. Na realidade, a posse de cavalos era a chave do domínio e os guaranis tinham muitos: em 1728, a estância para a criação de gado da Missão de Yapeyú tinha pelo menos 1.838 cavalos. Em 1725, todavia, os portugueses da Colônia do Sacramento ainda tinham uma grande falta de cavalos, mas esta situação estava prestes a mudar. Naquele mesmo ano compraram secretamente a um espanhol nada menos do que 600 cavalos e pouco a pouco penetravam cada vez mais na Banda Oriental. Já não estavam completamente dependentes da ajuda dos charruas ou dos *gaúchos* ou *changadores*, como às vezes «os portugueses chamavam a estes homens. Além disso, logo que o caminho entre Colônia do Sacramento, Laguna e Curitiba foi aberto, não só gado mas também cavalos e mulas passavam para as cidades longínquas de São Paulo e Cuiabá. É claro que pelo menos uma parte destes animais veio das estâncias para a criação de gado que tinham sido estabelecidas nas proximidades da fortaleza da Colônia do Sacramento. Sabe-se também que os *santafesinos*, empreendedores como sempre, entraram em contacto com os negociantes de Laguna, de maneira que, não obstante as grandes distâncias e os muitos perigos, gado, cavalos e mulas passavam de Santa Fé e Bajada até Laguna. Já em 1723 se lê numa carta enviada de Laguna que um espanhol ia a caminho de Santa Fé com a intenção de informar «aos mercaderes da dita cidade a maior facilidade que poderão ter no negócio com os portugueses» nesta povoação, pela muita inconveniência e perdas que tem os ditos mercaderes» sempre que a Guarda de San Juan conseguia impedir os seus negócios com os portugueses «da Colônia do Sacramento. Embora em 1729 um destacamento enviado pelo Governador Zabala conseguisse interceptar uma manada de gado e mulas vinda de Santa Fé com destino a Laguna, o dignitário espanhol não se iludia quanto às possibilidades de acabar por completo com o contrabando⁽³⁰⁾.

⁽³⁰⁾ O número de cavalos em Yapeyú foi tirado de um inventário feito durante a visita do Provincial Rillo, em 28 de Maio de 1728. Os cavalos são citados como «cauallos vaqueros» (AIGBJA, |C. de J., leg. 4, «p. 4ill). Sobre o

Quando, em 1733, o Secretário de Estado, José Patiño, escrevia as instruções que o novo Governador de Buenos Aires, Miguel de Salcedo y Siemalita, tinha de observar com respeito à Colónia do Sacramento, insistiu particularmente na necessidade de despojar os portugueses dos seus cavalos. Miandou que as estâncias onde criavam cavalos e mulas fossem destruídas sem piedade. Como era de esperar que os portugueses se oporiam a medidas tão rigorosas, ordenou, além disso, que o Governador se servisse dos guaranis das Missões, que, sob pretexto de recolher gado para o seu próprio uso, poderiam destruir as estâncias, e também conduzir o *ganado cimarrón* da Colónia do Sacramento até ao dis'brito de S. Domingos Sanano, onde este gado poderia ser aproveitado pelos *porteños*. E, com o fim especial de conservar d'soladcs os portugueses, urna vez que tivessem sido, tanto quanto possível, despojados do seu gado e dos seus cavalos, o Governador poderia organizar umas operações combinadas dos espanhóis de Montevideo com os guaranis das sete missões meridionais ⁽³¹⁾.

Rio Grande em '1726 ver Rego Monteiro, *Colónia*, II, 17<8-9. O Vice-Rei Albuquerque escreveu do Rio de Janeiro, em 12 de Janeiro de 1724, ao Governador da Colónia do Sacramento acerca do perigo de que cavaleiros guaranis experimentados pudessem afugentar o gado do distrito da Colónia do Sacramento (*Documentos concernientes a la fundación de Montevideo* in *Rev. del Archivo General Administrativo*, Montevideo, 'I, 1885, p. 41). Sobre «changador» ver Coni, *Gaúcho*, p. 147; Cortesão, *Gustão*, I, l.^o R, p. 302. Azaróla Gil, J. L. E., *La epopeya de Manuel Lobo* (Madrid, 1931), 218-2 2^o, reproduz em tradução espanhola um documento muito interessante: «Consulta del Consejo Ultramarino acerca del nombramiento de personas para el puesto de capitán de caballos de la nueva Colonia del (Sacramento ...26 de febrero de 1729» no qual se faz referência a algumas incursões portuguesas. Rego (Monteiro, *Colónia*, I, 200-3. RC ao Governador Zaibala, 212 de Janeiro de 1728, in GBAC, OE, 493-4. Consejo de Indias —carta resumida de Zabala, 30 de Novembro de 1729, in *Pastells*, VI, 000-1; Cf.: carta de Zabala, 8 de Junho de 1730, *ibid.*, 603-4.

⁽³¹⁾ Instruções de Patiño, de 8 de Outubro de 1733, in MOA, V, 244-52. Refere-se a urna carta do Cabildo de Buenos Aires, de 15 de Abril de 1733, que o informou de que os portugueses da Colónia andavam a estabelecer povoações e estancias para a criação de gado, «en las distancias de los Caminos que tenian ya abiertos para comunicarse don el Brasil sacando por ellos tropas de Mulas mansas, y ICaballos para el uso y serbicio de sus Minas ... respecto de que no Pu/dden los Portugueses disfrutar las Campañas, sin hallarse prohibidos de Cavallada, se ha de poner especial cuidado en destruir, y aniquilar toda la que tubieren en dichas Estancias, como también las yeguas de que

Entretanto, a destruição da *Vaquería del mar* ça-se rápidamente consumando. De 1726 até 1738 os navios enviados conforme o *Asiento* e as *Natios de registro* levaram quase 200.000 couros, na sua maioria provenientes, mão há dúvidia, do Uruguai, e o número exportado pelos portugueses mão podia ter sido miernor. Além diisio, tinha aparecido mais «um pretendente 'aos recursos da *Vaquería del mar* que 'diminuiriam dia <após dia. Esse pretendente era a pequena vila recém-nascida de Montevideu, que a este respeito surgia pela primeira vez como rival da sua cidade-mãe, Buenos Aires.

O 'estabelecimento de Montevideu também fez com que o ódio latente des charruas contra os espanhóis deflagrassie e se 'transformasse em guerra .aberta. Em 1730 mataram imuitos cidadãos de Montevideu e até um destacamento de soldados espanhóis mão foi capaz de pôr termo às hostilidades. Foti então que os jesuítas, e ãão pela primeira vez na história da região do Rio da Prata, se ofereceram às autoridades 'espanholas para lhes servir de pacificadores. O Padre Miguel Jiménez, embora estivesse a ponto de ser sacrificado, conseguiu finalmente levar a cabo esta 'tarefa difícil. Assim, pacificamente, venceu os interesses portugueses, que, sem dúvida, estavam por trás dos movimentos destes pobres selva-

se hubieren probeido para su cria y V.«S. contemplare que .para este efecto, y para obserbar, y sobstener los mobimientos que pueda tener contra estas operaciones la Guarnición de la Colonia, se nezeciten algunos Indios de las Misiones que están a cargo 'de los Paídres de la Compañía, ... podrá V.S. de antemano prevenir lo comben!ente para que con disimulo, y pretesto de que van a sacar Ganado para su sui(s)tentto, se aserquen los necesarios á las partes, y lugares que por VJS. se les señalare, y se logre por este medio el aniquilar y retirar el Ganado que tubieren de esta Clase sin que logren el Efugio de recogerlo de los limites de su Cañón...». Caso as outras medidas não bastassem para pôr termo às actividades dos portugueses, «conbemdrá el que confiriendo y tratando V.S. este punto con id 'Provincial, 6 Superior que sea de las Misiones de la Compañía, se arregle el tiempo y forma en que podra egecutarse esta diligencia, para que se den la mano los Españoles que salieren a este efecto, desde Montevideo con los Indios de los Siete Pueblos... pues no mediando mas distancia que la de 1'2'0 leguas(?) de estos à Montevideo, podrá practicarse esta diligencia de tiempo, en tiempo en la estación dlle año que fuere mas propicia y podrá también por este medio lograrse el castigar, y escarmentar à los Indios que al abrigo de los Portugueses frequentan sus 09tilidades por aquellos parages».

gens, por mais 'irregulares que ©sises movimentos pudiessiem parecer (32).

Em 1730, enquanto esita luta 'aindia continuava, um negociante de gado chamado Juan de Rocha 'esitava a recolher gado na Banda Oriental para o *Cabildo* de Buenos Aires quando es charrúas o assaltaram. Resolveu sieguir para o norte, com o fim de atravessar o rio Negro. Aí, porém, os guaranis fizeram-no p'arar e disse-ram-lhe que agiam segundo as ordens des jesuítas. Quando o *Cabildo* de Buenos Aires pediu aos jesuítas que explicassem a sua atitude, declararam que ao norte do rio Negro o gado já não era *cimarrón*, mas sim domesticado, e, no caso em questão, pertencia à missão de Yapeyú. Assim fixaram uma clara linha entre o que restava da *Vaquería del mar* e as estâncias dos guaranis e jamais abandonaram a posição então definida, embora o termo «domesticado» não se deva tomar num sentido muito literal (33).

O certo é que o jesuíta Cardiel explicou num dos seus relatórios que a vasta 'extensão de 'terreno entre a missão de Yapeyú e o rio Negro, que se chamava *Estancia de Yapeyú*, não tinha naquela altura senão *ganado cimarrón*. As manadas desta estância tinham sido conduzidas da *Vaquería dei mar* e por esta razão consideravam-nas propriedade da Missão. Os índios costumavam vigiá-las, para impedir que fugissem, e usualmente concentravam-nas, por isso, em qualquer cotovelo formado por um grande rio e um seu afluente, *rincón*, onde 'era mais fácil guardá-las. Per volta de 1731, os jesuítas, segundo o que disse o Padre Cardiel, resolveram pôr em execução um movo projecto para garantir o abastecimento de carne das Missões. Do gado bravo que se encontrava dentro dos limites da chamada *Estancia de Yapeyú* 40.000 animais seriam fechados numa autêntica estância para a criação de gado capaz de abrigar 200.000, pois se esperava que o gado aumentaria para este número dentro de oito anos. O processo repetir-se-ia também

(32) Mõmer, «Panorama», p. 20@. (Bauza, F., *Historia de la dominación española en el Uruguay*, 3.^a ed., vol. I, (Montevildeu, 1929), 225. Um relato da missão do Padre Jiménez encontra-se nas *Ánuas* *da província jesuítica do Paraguai, H'73'0-1'734, e reimpresso in MCA, VI, 164-Ta. Dizem que o índio charrua que fñencionava matar o Padre Jiménez pensou em pedir asilo na Colónia. Uma carta de Zabala ao Rei, em 6 de Maio die 1733, dá como data da paz 17'32 (*Pastells*, VII, 103-4).

(33) 'Coni, *Gaúcho*, pp. 147-8; Coni, *Vaquerías*, p. 77.

dentro dos limites da chamada *Estancia de San Miguel*, situada a leste da *Estancia de Yapeyú*. Todio este gado domesticado formaria ta movía reserva dias Missões. Já não seriam necessárias expedições (armadas para recolher *ganado cimarrón*. Em compensação, esperava-s/e quie ambas ias es'tâncias de Yiapeyú e San Miguel vendessem gado às outras missões siempre que preciso, a um preço que incluiria o cusito da (entrega. Tialvez o projecbo delineado assim pelo tFadre IOardiiel não se tivesse posto em «execução (tão abruptamente como o relatório pode levar a crer, mas sim de uma forma mais gradual. Em todo o caso, porém, vê-se claramente que, de 1705 até 1740, a crise aguda causada pela perda da *Vaquería del mar* e da *Vaquería de los Pinares* foi vencida ⁽³⁴⁾.

V

Acabámos de *fazer* referência ás instruções rigorosas que o novo Governador de Buenos Aires, Miguel de iSalcedo, recebeu em 1733 de José Patino, .dirigente (enérgico da polítiaa colonial da Espanha. As negociações acerca «de uma linha de demarcação à volta da fortaleza, em que Miguel de Salcedo e o seu vigoroso colega da Colonia do 'Sacramento, Antonio «Pedro de Vasconcelos, tomaram parte, não tiveram êxito. Em abril de 1705, portanto, José Patino enviou para Miguel «de Salcedo a ordem surpreendente de que assaltasse e tomasse a Colónia do Sacramento, embora não tivesse feito uma declaração de guerra. Òbviamente, José Patiño não avaliou bem o valer das fortificações construídas pelos portugueses desde 17116, ie, fiando-sie nias experiências de 1680 e 1705, julgou

(34) Cardiel, *Breve relación*, pp. 534-5. Resolveu-se que cada uma das novas estâncias seria vigiada «por «los indios pastores ó estancieros, ... que fuesen de confianza y maior cuidado, y que para... prevenir cualquier desorden, injusticia y «destrazo en el futuro, se pusiese allí un Padre Capellán con su decente capilla, y un hermano «Coadjutor». Ver também Furlong, *José Cardiel*, p. 144. Sobre a venda de gado das novas estâncias determinou-se que «se fuesen vendiendo a cada pueblo en sus necesidades tantas cuantas el P. Superior de todos juzgase ser neoesarias, aunque no tuviese con que pagarlas, esperando a cuando pudiese». Ver também Vadell, iN.(A.† «(La estancia de Yapeyú: sus orígenes y antecedentes», in *Estudios*, vol. 183, n.º 445 (Buenos Aires, 1950). O inventário de Yapeyú em H7'2J8 '(Ver nota 30) dá o número de 11.0010 «bacas del Casto» mas acrescenta: «las Vacas de la Estancia grande no se sabe él num.º p.† que no se pueden contar».

que ia -empresa seria bastante fácil 'e que Miguel die Salcedo a poderia levar a cabo oom as tropas que 'tinha ao seu dispor, entre as quais se encontravam guaranis das Missões. De facto, o número de soldados e milicianos da Colónia do Sacramento não pode ter sido muito inferior ao número de soldados e milicianos do lado espanhol, sam incluir os indios. Quanto às forças navais, mal chegaram para garantir um bloqueio efectivo da fortaleza. Por conseguinte e também por causa das dissensões existentes no ineficaz Alto Comando espanhol e da admirável tenacidade dos portugueses, a fortaleza conseguiu resistir a um cerco que durou 22 meses, sem qualquer combate importante. Os piones danos que sofreram ios sitiados foram, sem .dúvida, a destruição pelos espanhóis, ao principio do cerco, de todas as suas uestancias para a criação de gado e 'também as outras propriedades rurais. Segundo urna fente portuguesa contemporânea, os espanhóis roubaram-lhes 18.443 cavalos, pelo menos. Embora isto pareça exagero, o desenvolvimento da criação de cavalos mas imediações da fortaleza deve ter sido muito rápido. Conforme a mesmia fonte, 87.000 cabeças de gado foram também levadas para aumentar as manadas dos espanhóis. A fome -da população e da guarnição da Colónia do Sacramento, miais -especialmente depois de chegarem tropas de reforço, ia atingir proporções terríveis.

Finalmente, 'em 1707, chegou a obtida de que os governos de Portugal e Espanha tiñham feito um 'armistício, como resultado da mediação dos franceses, ingleses e holandeses, que não queriam que io caso da Colónia do Sacramento e um insignificante incidente diplomático conduzissem a um conflito 'armado ma Europa entre os dois poderes ibéricos (35).

É curioso motar que ainda antes de receber de José Patiño a ordem para assaltar a 'Colónia do Sacramento, o Governador Salcedo já tinha pedido ao Provincial jesuíta que 3.000 índios estivessem prontos para o serviço em Setembro. O documento (*consulta*) duma reunião 'em Julho de 1735 entre o Provincial e os seus conselheiros mostra que os jesuítas julgaram um tanto curto o prazo concedido para os itreimar, mas não hesitaram em obedecer.

(35) ICortesão, *Gusmão*, II, 2.^a P., 7(0-2). Sobre o cerco ver as obras die J. da Costa Rego Monteiro, Bermejo de la Rica, J.M. Monferini (dn *Historia de la Nación Argentina*, dir. por R. Levene, IIV, il.^a P.) e outros.

O 'Provincial disse, comífculo, que desta vez ele não queria que os índios servissem sem serem pagois, como «tinha acontecido durante as oaimpanbais anteriores. A sua atitude 'era evidentemente uma reacção às medidas tomadas pela Coroa com o objectivo de aumentar o tributo que pagavam os índios das Missões. Um comissário real, Juan Vázquez de Agüero, 'tinha acabado de chegar a Buenos Aires para este fim ⁽³⁶⁾.

Já 'as primeiras 'escaramuças se tinham dado, quando, ao princípio de Novembro, os 3.000 índios chegaram ao acampamento espanhol, nas imediações da Colónia do Sacramento. Pode dizer-se que o seu verdadeiro comandante 'era o bávaro Padre Thomas Werle, Procurador das Missões em Buenos Aires, «embora oficalmente fosse apenas o seu capelão e tradutor. A 3 de Novembro foi ferido mortalmente por uma bala de canhão, acontecimento que indubiitavelmente abalou o moral dos índiics. Em Janeiro de 1736 uma expedição naval portuguesa reforçou os valorosos sitiados da Colónia do 'Sacramento e «os •espanhóis retiraram-se das suas posições avançadas. Enltão os índios entraram secretamente etm contacto com os portugueses e venderam 'aos sitiados esfomeados carne te outros géneros. Quando os espanhóis tentaram impedir os índios de fazer o contrabando, houve derramamento de sangue. A morte do Padre Werie, o aborrecimento dos índios por causa do cerco que durava já há quase 'três m'esas, e o cansaço proveniente das prolongadas desordiems paraguaias, tudo isso poderia explicar o seu mau comportamento. O Governador Salcedo ficou furioso. «No ay horcas vastantes para castigar tal excesso» — exclamou, e intimou o Padre Daffe a que ordenasse imediatamente a retirada dos índics para as suas missões. Como o Governador explicou ao Secretário de Estado, José Patino, o que ele receava 'era na verdade o eclodir .de hostilidades entre ia parte europeia -do exército e a parte índiia. Sem adquirirem fama nem pagamento, os índios retiraram-se.

Nos seus relatórios, o Padre Cardiel faz crer que a retirada

⁽³⁶⁾ ¡BNBA, Manuscrito n.º 62 («Consultas de ^de 17131 hasta 1*74^7»): «...añadió uno que se cobrassen los sueldos; y assi lo determinó el P. Prov.!» viendo la necesidad de los Pueblos, y el poco o ningún útil, q.º ha traído a los Indios tantos centenares 'dte millares, como han Cddido al Rey; y el premio es querer aumentarlos el Tributo».

dos índios poderia ter sido responsável pelo malogro do cerco. Mas há poucas irazóas para concordar com ele. O moral dos índios já 'estava (abalado e, além disso, uma (tentativa para temar de assalto «a Colonia do Sacramento teria encontrado fogo mais intenso e fortificações mais fortes do que no assalto feito com êxito em 1680. Por outro lado, se não tivessem sido retirados, os índios traiçoeiros teriam ido, talvez, auxiliando os portugueses a vencer o seu maior problema: a questão do abastecimento de víveres (37).

Um resultado permanente do cerco da Colónia do Sacramento foi o acabamento da fortificação do Rio 'Grande de São Pedro, que uma expedição chefiada por José da Silva Pais tinha iniciado em 1737, em conformidade com instruções reais, quiando parecia que ios portugueses teriam de tomar sèriamente em con/ta a possibilidade da queda da Colónia do Saaraimiemto. Cristóvão Pereira de Abreu também tomou parte na últimia fase da fortificação do Rio Grande, e, segundo se diz, teve algumas escaramuças insignificantes com bandos de guaranis que vaguevam nas vizinhanças.

A grande 'importância estratégica das medidas tomadas pelos portugueses na região do Rio Grande não passou despercebida ao Governador Salcedo. Entre ou'tras notícias sobre este assunto, o Governador recebeu um relatório pormenorizado de um oficial que ele 'tinha lá mandado sob qualquer pretexto pouco depois do acordo do seu governo com o governo português. Em Maio de 1737, ou ainda maiis cedo, sugeriu ao Procurador jesuíta em Buenos Aires «que vayan los índios a echar à los Portugueses de la laguna grande, y a baquear per allí». O Governador, (todavia, não fez o seu requerimiento formal ao Provincial iaté 29 de Janeiro de 1738. Conforme o ssu plano, os indios das Missões, sob o pre-

(37) Rego Monteiro, *Colonia*, I, 239. Salcedo a Patiño, em 2 de Março do 173(6, in *Pastells*, VII, 243-4. A relação portuguesa «reproduzida in CBIAJC, I, situa a morte dio jesuíta depois de 2>8 de Novembro, mas deve ser um erro '(5T5). IDiz-se que 3'00 índios desertaram por este motivo. Segundo o cronista jesuíta Pedro 'Lozano '(*Historia de la conquista del Paraguay, Río de la Plata y Tucumán*, II, Buenos Aires, '1BI7I3, 4H6) os índios tomaram parte no cerco «durante quatro meses, «sin tirar sueldo ni hacer costo al Real Erario, pues ellos mismos traían 'los «víveres, armas y caballos». Salcedo a Lourenço Daffe, 2® de IFevereiro, in MOA, V, 3'34. Cfr. *Pastells*, VIII, 307. Cardiel, *Costumbres de los guaraníes* '(in Muriel, D., *Historia del Paraguay desde 1747 hasta 17167*, Madrid ÍDIS), «p. 541; o mesmo, *Breve relación*, p. 5182, e Furlong, *José Cardiel*, p. 15&.

texto de recolher gado para o seu consumo, guerrilhariam oomtra os portugueses no Rio Grande <e roubar-lhes-iam o maior número possível de cavalos e gado, até o Governador 'estar -em posição de tomar outras medidas, em (especial a de um ataque naval, para expulsar ios portugueses do Rio Grandie. Há urna evidente semelhança entre esta sugestão feita aos jesuítas pelo Governador Salcedo e as instruções por ele próprio recebidas em 1730 a respeito da «Colonia do Sacramento. Num relatório que enviou em Fevereiro de 1738 ao Marquês de Torrenueva, o Governador disse estar muito impaciente ipor receber a resposta do Provincial⁽³⁸⁾.

A resposta que enfim recebeu do Proviaiai Bernardo Nussdorffer, jesuíta alemão muito experimentado, lera firme e sem rodeios. Depois de afirmar ao Governador a boa vontade que, não só os Jiesuítas, mas tiambém ios índios tinham para servir sua Magestade Católica, tanto quanto era possível, o Provincial levantou as seguintes objecções ao plano do Governador Salcedo. Em primeiro lugar, o armistício devia ser respeitado tanto pelos índios como pelos espanhóis, pois, se fossem a agir militarmente, seria desobedecer às ordens reais, pelo menos aos olhos do público. «Y aun podria ser ocasion de la perdida de todos estos pueblos si á los de lia Corona de Portugal se les ofrece un dia de usar de repressalias y salir con sus intenciones antiguas que han tenido contra estos pueblos, y parece que con esto se les dará causa de distinguir lehfcre los intereses de los Vasallos de Su Ma«g.^d, Españoles, de los de nuestros Indios, ir contra ellos solos en venganza de lo hecho contra la suspension de armas, Y tener paces con aquellos». Em segundo lugar, os guaranis, na guerra, tinham sido sempre chefiados por oficiais espanhóis; sem estes oficiais não saberiam conduzir uma campanha. Em terceiro lugar, a altura do ano já não convinha para acções militares por causa

⁽³⁸⁾ Salcedo a Torrenueva, '2*7 de Ipevereiro de H'738, in *Pastells*, VII, 305-6. «JConsultas» citadas na nota 36, 4 de Maio de 1'737: «Juzgaron los mas conveniente, que se ifuesse con Escolta, y un P.^c a sacar las Vacas de la rinconada dle el Mar, contq.^c se han alzado los Portugueses. Y el Pro.^{or} de B.* Ayres ha escrito que el Gov.^{or} le ha dho, que vayan los Indios a echar a los Portugueses la laguna grande, y a baquear por allí. Se notó una, ú otra dificultad; y se creyó conveniente, que se procurasse por escrito el orden o beneplacito del Gov.^{or}. Mas nada se determinó» 'Rego Monteiro, *Colonia*, I, 290-/7.

do tempo Mo ie do miau 'estado dos caminhos. Em quarto lugar, os portugueses já 'tinham arranjado boas fortificações e tinham muita artilharia. «iLos indios solos, sin Cabos que les dirijan, é iguales armas ofensivas, sin artillería á cuerpo descubierto no irán mas que al matadero». Como argumento final, o Provincial acrescentava: «iLo que V. <S.^a me insinua en la suya que Yo les de las ordenes que hain de observar... parece aun mas impracticable, porque aunque yo ó cualquier otro de ios Misisioneros mis Subditos tuviera la scienda y practica militar y compréhension necesaria para tales cosas (que llanamente confieso que no la tengo ni aun los primeros principios) pongo 'en la oompridhiemsicn de V. S. que no se com-padece con el -estado de 'Sacerdote y Religioso Missiemaro...». O Provincial acentuou «este ponto, voltando a pedir 'oficiais espanhóis, no caso de, apesar de tudo, o piano se iniciar, «aunque sea ten 'trage de Indios»⁽³⁹⁾.

As objecções do Padre (Nussdcrrfer, portanto, bastaram para impedir que o 'Governador movimentasse o seu plano imprudente, e *por* isso terminam o relato que tentamos dar 'dia conlribuição dos Jesuítas espanhóis e das suas missões para a rivalidade luso-espanhola na região do Rio ida Pirata desde a segunda restituição da Colónia do Sacramento até se malograr a tentativa espanhola para tomar este baluarte durante os anos de 1736 a 1737. Este último episódio, além disso, parece ter sddo quase um presságio dos acontecimentos da Guerra 'Guarani depois de 1750.

VII

Ê possível tirar idiversas conclusões de carácter geral da análise que tentámos fazier neste artigo, como, por exemplo, as que seguem.

O papel desempenhado pelas Missões Guarani na exploração da *Vaquería del mar* foi sempre considerável. E não era apenas uma questão de satisfazer as exigências do consumo imediato, como os porta-vozes oficiais des Jesuítas costumavam afirmar. Aproveitavam-na também para povoar ias suas 'extensas reservas de gado: a *Vaquería de los Pinares*, e as chamadas testâncias de Yapieyú e S. Miguel. Contudo, se ias Missões tivessem sido as únicas a

⁽³⁹⁾ Carta de NusadoiTier, 1*5 jde 'Abril de 1738, in CBAC, I, 531-2, e Bauzá, *Historia*, II, <6&2-5.

explorar a *Vaqueria*, a velocidade de exploração não teria ultrapassado, muito provavelmente, a velocidade de reprodução. Quando, porém, os portugueses e os espanhóis também começaram a explorá-la, esse «benefício gratuito» estava condenado a desaparecer.

Como hábeis cavaleiros armados, os índios das Missões estorvaram seriamente a penetração portuguesa no interior da Banda Oriental. As autoridades espanholas compreenderam bem o seu valor e serviram-se dos guaranis para fazer incursões contra as propriedades rurais dos portugueses. Todavia, os acontecimentos já passados, e mais especialmente os de 1736, devem ter salientado o facto de que os guaranis já não poderiam ser considerados soldados completamente efectivos. Isso não quer dizer que qualquer dos rivais tenha estado então ao corrente desta circunstância: refere-se como um simples facto. Como resultado da modernização de armas e fortificações e da superioridade de tropas vindas da Europa, os guaranis deixaram de ser as principais forças armadas ao dispor da Espanha na região do Rio da Pirata. Não era por serem menos guerreadores do que nos tempos dos seus triunfos no século XVII; era por causa das mudanças que tinham influenciado os métodos de guerra até nesta remota zona.

O período que analisámos pôs em evidência o valor da contribuição das Missões para a acção da Espanha na defesa e alargamento da sua posição na região do Rio da Prata. Contudo não se deve pensar que as Missões serviam cegamente de instrumento nas mãos da Coroa Espanhola. Dentro dos limites que correspondiam pouco mais ou menos à autonomia que as Missões Guarani gozavam desde 1649, os jesuítas que dirigiam as Missões costumavam seguir o seu próprio caminho, tendo sempre em mira garantir o abastecimento de víveres para os seus índios e a integridade dos extensos territórios das Missões.

É de notar que os jesuítas se encontram em ambos os lados da luta luso-espanhola, seja esta «fria» ou «quente», na região do Rio da Pirata. Os interesses contrários são lúcidamente expostos pelo P.^e Diogo Soares no seu estudo sobre o dilema estratégico de Portugal. Segundo um autor jesuíta moderno, P.^e Serafim Leite, «o Jesuíta português secundava os interesses de sua Pátria, os das Missões, espanhóis, os interesses da sua. Distinção (esclarecedora, legítima e necessária, que nem sempre se fez e em que importa

insistir». Se, por acaso, acontecia >os jesuítas «despanhóds» serem alemães ou belgas de nascimento, nem por isso faltavam à sua fidelidade à Coroa- Espanhola ⁽⁴⁰⁾.

A série d) e acontecimientos, externos, internos, grandes e pequenos, que temos seguido desde 1715 até 1737, teve consiequências importantes que tornam possível a sua avaliação pela posteridade. Pelo que respeita às Missões Guarani, os Portugueses viam cada vez melhor que elas constituíam um obstáculo no caminho da sua expansão para o Sul. Especialmente os chamados Sete Povos causavam-lhes apreensões. Ao mesmo tempo, es Por tugues» es mostraram .aos seus adversários espanhóis que a Colónia do Sacramento já não podia sier fácilmente conquistada pela força das armas. Esta compreensão das dificuldades per parte d) e ambos preparou a atmosfera política para a operação radical que se efectivou com o Tratado Luso-Espanhol de Limites de 1750—acordo de funestas consequências para as Missões Guarani dos Jesuítas espanhóis-, e, por fiim, para toda a Companhia de Jesus.

MAGNUS MÖRNER

Universidade de Estocolmo

ÇTrad. de Kay Keighley)

⁽⁴⁰⁾ Leite, S., *História da Companhia de Jesus no Brasil*, VI, (Rio. 1945) pp. 5126-7.